



PERU

O golpe que não deu certo

Presidente Pedro Castillo se antecipa a votação de impeachment, fecha o Congresso e decreta estado de exceção. Sem apoio dos militares, é destituído do cargo e preso. A vice, Dina Boluarte, assume como a primeira mulher a governar a nação

» RODRIGO CRAVEIRO

Durou cerca de duas horas a tentativa de golpe de Estado promovida pelo presidente Pedro Castillo, mais um episódio na turbulenta história política do Peru. Na ânsia de antecipar-se a uma votação de impeachment, ele dissolveu o Parlamento e decretou um governo de exceção. Sem respaldo das Forças Armadas e da polícia, o líder esquerdista viu o apoio dentro do próprio gabinete desmoronar: além da renúncia de dez ministros, até a vice, Dina Boluarte Zegarra, condenou a manobra inconstitucional. Isolado, Castillo foi destituído pelo Congresso por incapacidade moral permanente com 101 dos 87 votos necessários. Apenas seis congressistas votaram contra e dez se abstiveram. Após o afastamento, Castillo deixou a Casa de Pizarro — como é conhecido o palácio presidencial —, acompanhado da esposa, Lilia Paredes, e dos filhos. Em comboio, percorreu 3km até a sede da Prefeitura de Lima, onde foi preso.

Às 15h52 (17h52 em Brasília), Boluarte, 60 anos, entrou no plenário do Congresso caminhando sobre um tapete vermelho. Dois minutos depois, prestou juramento e foi empossada como a décima presidente em 30 anos e a primeira mulher a governar o país. Ela recebeu a faixa presidencial das mãos de Williams Zapata, chefe do Legislativo, e dirigiu-se pela primeira vez à nação. “Essa difícil conjuntura coloca à prova todos os cidadãos. Antes de uma política, sou cidadã e mãe peruana, que tem pleno conhecimento da grande responsabilidade que a história deposita sobre meus ombros”, declarou.

“Houve uma tentativa de golpe de Estado (...) que não encontrou eco nas instituições da democracia e nas ruas. Este Congresso da República, atendendo a um mandato constitucional, tomou uma decisão e é meu dever atuar. Assumo o cargo de presidente constitucional da República consciente da enorme responsabilidade”, acrescentou. “Minha primeira invocação, como não poderia ser de outra maneira, é convocar a mais ampla unidade de todas e de todos

Guadalupe Pardo/AP/Estadão Conteúdo



Dina Boluarte recebe a faixa presidencial das mãos do líder do Congresso, Jose Williams Zapata, antes de convocar a “mais ampla unidade”

peruanos. Corresponde a nós conversar, dialogar, entrarmos em concordância, algo tão fácil e tão impraticável nos últimos meses.” Ela defendeu a participação de todas as forças políticas peruanas em uma “trégua”.

Instabilidade

Ao longo da década passada, o Peru teve quatro presidentes presos — Alejandro Toledo, Ollanta Humala, Pedro Pablo Kuczynski e Alan García — por denúncia de corrupção, todos acusados no escândalo envolvendo a construtora brasileira Odebrecht. García cometeu suicídio para não ser detido. Boluarte conclamou o Ministério Público a investigar os crimes dos últimos anos.

Castillo anunciou o golpe, que mais tarde fracassaria, pouco depois das 11h40 (13h40 em Brasília). “Tomamos a decisão de estabelecer um governo de exceção, orientado a restabelecer o Estado de direito e a democracia, a cujo efeito se ditam as seguintes medidas: dissolver temporariamente o Congresso e instalar um governo de emergência

Reprodução



Castillo (sentado, de azul) aparece detido na Prefeitura de Lima

excepcional; convocar, no mais breve prazo, eleições para um novo Congresso, (...) para elaborar nova Constituição em um prazo não maior do que nove meses”, declarou, trajando a faixa presidencial. Ele decretou toque de recolher em todo o país até as 16h de hoje e a reorganização do Poder Judiciário. A comunidade internacional reagiu em peso com forte condenação.

Meia hora depois, Boluarte publicou uma mensagem no Twitter em que afirmava rejeitar

a decisão de Castillo de perpetrar “a quebra da ordem constitucional, com o fechamento do Congresso”. “Trata-se de um golpe de Estado que agrava a crise política e institucional”, escreveu. Era o prenúncio do fim de um presidente que sofreu três moções de censura no Congresso desde sua eleição, em julho de 2021. Ele é alvo de seis investigações, cinco por suposta corrupção e outra por suposto plágio realizado em sua dissertação de mestrado. O ex-presidente Alfredo Sagasti,

que antecedeu Castillo e governou entre 16 de novembro de 2020 e 28 de julho de 2021, disse ao **Correio** que a destituição do líder golpista foi “um primeiro passo para fortalecer a democracia” (**leia Três perguntas para**). “A posse de Boluarte é um triunfo da democracia, que une as instituições. Há o risco de que a presidente, por não integrar um partido, não tenha bancada que a respalde. Isso tornaria o governo frágil”, advertiu à reportagem o analista Alfredo Torres, presidente executivo da Ipsos Perú. “Resta à nova presidente convocar um amplo gabinete, com personalidades de prestígio, e propor eleições antecipadas.”

Torres destacou o caráter conciliador do discurso de Dina Boluarte. “Ela convocou todas as forças políticas a um governo de unidade nacional e pediu uma trégua”, comentou. Ele disse esperar que a presidente convoque um gabinete técnico, com personalidades independentes. “Caso o faça, é mais provável que o Congresso lhe ofereça respaldo e Boluarte tenha alguns meses de lua de mel”, previu.

Três perguntas para

FRANCISCO SAGASTI, presidente do Peru entre 16 de novembro de 2020 e 28 de julho de 2021



AFP / Peruvian Congress / LUKA GONZALES

Como o senhor vê essa manobra de Pedro Castillo?

É um ato ilegal e anticonstitucional. A única explicação é que ele tomou a decisão de dar um golpe de Estado para livrar-se de acusações de corrupção e para ocultar a própria incompetência. Trata-se de uma tentativa de ruptura institucional que não terá êxito. Várias instituições se colocaram contrárias ao golpe. Ministros renunciaram e até mesmo o assessor jurídico do presidente.

De que maneira as forças políticas peruanas devem proceder?

A saída política mais sensata seria antecipar as eleições gerais. Eu espero que o Congresso esteja à altura desse desafio.

Qual foi a justificativa dada por Pedro Castillo para fechar o Congresso?

Não existe justificativa alguma para o que ele fez. Qualquer argumento que tenha dado carece de valor. (RC)

Professor da Pontifícia Universidade Católica del Perú (PUCP), o internacionalista Oscar Vi-darte Arévalo avalia como corretas as primeiras medidas de Boluarte. “O país necessita de um espaço de diálogo e de consenso, um acordo que permita as reformas políticas, jurídicas e constitucionais, que garantam o respeito à institucionalidade e o bom uso das instituições de controle político”, disse ao **Correio**. “Nos últimos seis anos, tivemos cinco ou seis presidentes. Falamos de um país realmente caótico.”

Eu acho...

Fotos: Arquivo Pessoal



“Fracassou a tentativa de golpe de Estado de Castillo. Ganhou a democracia. O golpe foi uma manobra desesperada para tentar conservar o poder. O ex-presidente estava obscurecido por várias acusações de corrupção. A imprensa independente fez um grande trabalho de investigação, e a Procuradoria-Geral apresentou ao Congresso uma denúncia constitucional contra Castillo. O Congresso debateria uma moção de vacância, para destituí-lo. Não havia certeza de que 87 dos 130 parlamentares votariam por sua cassação. Ele se precipitou.”

Alfredo Torres, presidente executivo da Ipsos Perú



“O que ocorreu no Peru é um golpe de Estado com todas as letras. Nada do que foi anunciado pelo ex-presidente Pedro Castillo era permitido pela Constituição. Se ele amargava baixa legitimidade, deixou de ter legalidade. Usurpou o poder.”

Fernando Tuesta, professor de ciência política da Pontifícia Universidade Católica del Perú (PUCP)

Preocupação no Brasil

Em nota, o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) informou que “o governo brasileiro acompanha, com preocupação, a situação política interna no Peru que levou à destituição constitucional do Presidente Pedro Castillo pelo Congresso e à sua sucessão pela vice-Presidente Dina Boluarte”. “As medidas adotadas no dia de hoje, 7 de dezembro, pelo presidente Pedro Castillo, incompatíveis com o arcabouço normativo constitucional daquele país, representavam violação à vigência da democracia e do Estado de Direito. Espera-se que a decisão constitucional do Congresso peruano

represente a garantia do pleno funcionamento do Estado democrático no Peru”, afirma o comunicado. “O Brasil manifestou a disposição de seguir mantendo as sólidas relações de amizade e cooperação que unem os dois países e deseja êxito à Presidente Dina Boluarte em sua missão como Chefe do Estado peruano.”

No início da noite de ontem, o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, também divulgou comunicado no qual disse acompanhar “com muita preocupação” os fatos que levaram à destituição constitucional de Castillo. “É sempre de se lamentar que um presidente eleito

democraticamente tenha esse destino, mas entendo que tudo foi encaminhado no marco constitucional. O que o Peru e a América do Sul precisam neste momento é de diálogo, tolerância e convivência democrática, para resolver os verdadeiros problemas que todos enfrentamos”, disse.

Lula disse esperar que Boluarte tenha êxito na tarefa de reconciliar o país e conduzi-lo no caminho do desenvolvimento e da paz social. “Espero que todas as forças políticas peruanas trabalhem juntas, dentro de uma convivência democrática construtiva, a única forma capaz de trazer

paz e prosperidade ao querido e fraterno povo peruano”, comentou. Ele prometeu trabalhar “de forma incansável” em prol da reconstrução da integração regional.

Até o fechamento desta edição, o presidente Jair Bolsonaro não tinha se pronunciado. O filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, alfinetou o apoio de Lula a Castillo. “Então, o Loola (sic) e o Foro de São Paulo apoiaram um conservador reacionário no Peru?”, questionou. Em outro tuíte, ele sublinhou que o “presidente do Peru, socialista e membro do Foro de SP Pedro Castillo”, tentou golpe e foi preso. (RC)